

Arquitetura, historiografia e historia operativa nos anos 1960

Jose Tavares Correia de Lira

Professor Associado FAU-USP

Arquiteto (pela UFPE), Bacharel em Filosofia pela USP, Doutor e Livre Docente pela FAU
Rua do Lago, 876, 05508-080, São Paulo – SP, 11-30914553/ 4551 (fax), joselira@usp.br

Arquitetura, historiografia e historia operativa nos anos 1960

Resumo: A crise do movimento moderno no pós-guerra e também uma crise de representação no campo historiográfico. Reproposições genealógicas, novas angulações críticas e conceituais como as que despontam em livros como *Storia dell'Architettura Moderna* de Bruno Zevi (1950), ou *Theory and Design in the First Machine Age* de Reyner Banham (1960), deixam entrever um debate em gestação acerca do lugar da história no projeto contemporâneo. Esse debate intensifica-se institucionalmente na década de 1960, com as várias reformas pedagógicas que se desenrolam em escolas de arquitetura mundo afora, de Princeton a Roma, de São Paulo a Moscou, de perto incentivadas pelas discussões acaloradas no âmbito de periódicos, encontros e conferências que reuniriam, entre outros, historiadores da importância de Siegfried Giedion, Nikolaus Pevsner, Peter Collins, John Summerson, Zevi, Banham etc.

Uma das questões fundamentais em que essa geração de historiadores, críticos e professores de arquitetura se detem diz respeito ao papel operativo que a pesquisa e o ensino de história deveriam assumir no campo disciplinar. Tratava-se ao mesmo tempo de se contrapor aos postulados e pedagogias anti-históricas do Movimento Moderno sem recair na disciplina historicista acadêmica. Esse texto pretende refletir sobre a constituição e os limites críticos da idéia operativa nos anos 1960 a partir de uma revisão de publicações contemporâneas, editoriais, artigos, livros e anais de congressos. Tendo em vista as perspectivas historiográficas internacionais, tentarei esboçar algumas questões acerca das eventuais ressonâncias e resistências desse debate no ensino de história da arquitetura no Brasil. O objetivo aqui é repensar esse momento paradigmático da história da arquitetura por meio de algumas proposições recentes acerca das relações entre uma história da arquitetura como história do presente e um projeto concebido como uma prática preenchida de sentido histórico-crítico.

Palavras chave: arquitetura, historiografia, crítica, ensino de história

Architecture, historiography and operative history during the 1960s

Abstract: Post-war crisis in the Modern Movement is also a crisis of representation within the historiographical field. Genealogical reassessments, new critical approaches and conceptual biases found in books such as Bruno Zevi's *Storia dell' Architettura Moderna* (1950) or Reyner Banham's *Theory and Design in the First Machine Age* (1960), reveal the emerging debate upon the place of history in contemporary design. This debate is institutionally strengthened during the 1960s, with the various pedagogical reforms taken place in architecture schools all over the world, from Princeton to Rome, from Sao Paulo to Moscow, certainly stimulated by scholarly discussions held in architectural journals, meetings and conferences, gathering historians such as Siegfried Giedion, Nikolaus Pevsner, John Summerson, Peter Collins, Zevi, Banham and others.

One of the main issues addressed by this generation of architectural historians and critics referred to the operative role of historical research and teaching within the disciplinary field. It was both necessary to contrast the anti-historical assumptions and pedagogies of the Modern Movement and the academic historicism. This paper intends to raise some questions about the constitution and critical limits of this operative idea during the 1960s through a re-examination of contemporary publications, journal editorials, articles, books and conference proceedings. In face of international prospects, I'll try to outline a few questions about this debate's echoing and obstructions within the architectural history teaching traditions in Brazil. The major goal here is go over this paradigmatic moment of the history of architectural history through recent cross-questioning of the relations between history seen as a history of the present, and design as a kind of practice filled with critical-historical perspective.

Keywords: architecture, historiography, criticism, history teaching

Arquitetura, Historiografia e Critica Operativa nos anos 1960

Se a expressão 'critica operativa' remonta aos anos 1960, a idéia de uma historia da arquitetura a serviço do projeto, e seu inverso: o anti-historicismo como principio, nao e de modo algum uma invenção do século 20.¹ Talvez pudéssemos dizer que a critica de arquitetura foi frequentemente operativa e mesmo antes da ascensão de uma historiografia especializada quase tudo o que se escreveu no Ocidente sobre a arquitetura do passado, a partir do Quattrocento, possuía objetivos e fins programáticos.²

A idéia de uma critica operativa, ou de uma historia operativa, adquiriu, contudo, um significado novo na segunda metade do século 20 com o aparecimento de uma primeira leva de historiadores da arquitetura formados arquitetos. Foi o caso, precocemente, de Hitchcock (Harvard, 1924), e a partir dos anos 1940, de Zevi (Roma/ AA/ Harvard, 1941), Rowe (Liverpool, 1945), Benevolo (Roma, 1946), Alan Colquhoun (AA, 1949) entre outros. Herdeiros da geração anterior de historiadores da arte, eles nao deixaram de reconhecer os significados estéticos e epistemológicos da critica de vanguarda a mimese historicista. No entanto, a postura revisionista no campo historiográfico os levaria a acentuar movimentos, personagens e obras ate então negligenciados, propondo nexos variados com tradições artísticas do passado – o romantismo, o naturalismo, o maneirismo, o barroco, o classicismo entre outras – em detrimento das coordenadas evolucionistas convencionais. Mais ainda: se o etos profissional em que se formaram frequentemente os conduziu a militância como editores, curadores ou professores de arquitetura, o momento de crise de representação do universalismo moderno seria vivenciado como momento produtivo: de emergência de determinadas constantes históricas de projeto ou de operações internas a sua fatura, vistas como mecanismos de ativação de novas praticas.

Nao vou me deter aqui, evidentemente, na análise dos novos ingredientes interpretativos colocados por toda uma familia de livros de revisão das narrativas e auto-narrativas legitimadoras da arquitetura moderna³. Tampouco tentarei relacionar as mudanças historiográficas com o contexto de mudanças bastante perceptíveis no

¹ Manfredo Tafuri. *Teorias e Historia da Arquitetura*. Lisboa, Presenca, 1988.

² Luciano Patetta. *Alla ricerca degli esordi della critica operativa*. In Monica, Luca (ed) *La critica operativa e l'architettura*. Milao: Unicopli, 2002, pp. 88-99.

³ Cf. Panayotis Tournikiotis. *The Historiography of Modern Architecture*, Cambridge, the MIT Press, 1999; Anthony Vidler. *Histories of the Immediate Present*: Cambridge, Mass: MIT Press, 2008.

campo da prática e da disciplina da arquitetura a partir dos anos 1950, com a progressiva erosão de noções clássicas como as do arquiteto-autor, do projeto autônomo, do ateliê artístico entre outras. O propósito aqui é outro. Trata-se de pensar esse momento crucial de redefinição da ideia operativa a partir de um conjunto de questões que a história crítica contemporânea vem levantando.

Um dos primeiros questionamentos dessa atitude proviria de seu próprio ambiente de gestação, o eixo Roma-Veneza. Sem evadir-se da problemática do discurso anti-histórico dos modernos, ainda em 1968, Manfredo Tafuri situou o passo operativo na fronteira entre a afirmação de novas poéticas e a deformação da história. Fosse pela maneira tranquilizadora como descrevia o passado como confirmação do presente e da ação imediata, isto é, como ideologia; fosse pelo excessivo comprometimento com a atividade projetual, o procedimento parecia-lhe amortecer as possibilidades de clarificação e interpretação de métodos, poéticas e significados não manifestos nos projetos e obras analisados. Ainda que essa tradição, tão fortemente enviesada, em si não lhe parecesse prejudicial ou incorreta, a combinação de ingenuidade e pretensão quanto a história, com suas leituras excessivamente filtradas pelas esperanças no futuro, fugiam aos critérios de rigor filológico, em toda parte malogrando em se afirmarem como projeto. A aposta humanizadora de Bruno Zevi na poética do organicismo, no seu entender, cedia ao anacronismo e fracassava também no campo pedagógico ao maximizar o alcance da história como espinha dorsal do ensino de arquitetura enquanto subestimava seu potencial crítico nas fronteiras da disciplina. Confiando na fantasia de um ensino organicamente equilibrado entre passado, presente e futuro, o método operativo levava a história a um estado de esterilidade, incapaz de oferecer senão indicações e soluções projetuais já dadas. Para Tafuri, o ensino da história deveria cumprir papel diverso: ao definir um percurso indireto em torno da arquitetura, com o foco não tanto nos objetos mas nas problemáticas que os produzem, podia tão-somente preparar as bases críticas para a aventura projetual, jamais arvorando-se à instrumento de projeto, sob o risco de abdicar da complexidade, contradições e pluralidade do espaço histórico⁴.

⁴ Manfredo Tafuri. Teorias e História. Op. cit.; Idem *Architettura e storiografia. Una proposta di metodo. Arte Veneta* XXIX, 1975; Idem. The historical project. In *Oppositions*, 17, 1979, pp. 55-75. Para a análise da trajetória intelectual e da contribuição historiográfica de Tafuri, cf. Andrew Leach. *Manfredo Tafuri: choosing history*. Ghent, A&S Books, 2007.

A despeito, porem, desse impasse, não puramente italiano⁵, entre a crítica operativa, tal como definida por Zevi, e a história crítica praticada em Veneza, mais recentemente percebeu-se o quanto o projeto tafuriano deve a uma matriz operativa diretamente relacionada a pesquisa aplicada do arquiteto em seus anos de ingresso na profissão no interior de equipes envolvidas na intervenção em sítios históricos⁶. Mais do que isso, o exame contemporâneo de sua obra de maturidade vem destacando uma perspectiva menos dualista das relações entre crítica e prática, focalizando os deslizamentos temporais que informam as passagens entre sua crítica da produção contemporânea (ao mesmo tempo de arquitetura e de história da arquitetura) e o investimento intelectual, tão mal assimilado pelos arquitetos, nas análises do Renascimento e do Barroco.⁷

Tais questões emergem em um contexto no qual a tendência a autonomização da história da arquitetura em relação às exigências do projeto se acentua. Com efeito, desde os anos 1970, a criação de uma nova geração de revistas de acento mais ensaístico e crítico, como *Archithese* (1971), *Contropiano* (1971), *Oppositions* (1973), *Architecture Mouvement Continuite* (1974), *Architecturas bis* (1974) entre outras, a renovação de plataformas editoriais de periódicos profissionais estabelecidos como *L'Architecture d'Aujourd'hui* ou *Casabella*, a sofisticação do ensino de história em cursos de graduação, de Veneza a Moscou, ou a criação de programas de doutorado em arquitetura, de Princeton a São Paulo, a formação de equipes e laboratórios de pesquisa em toda parte, a constituição de bibliografias mais amarradas com estudos monográficos mais densos no campo da arquitetura, parecem ter estimulado a onda mundial de especialização em história da arquitetura.

O fenômeno vem claramente avançando nas últimas décadas, com o afastamento quase completo do historiador em relação à prática projetual. Jean-Louis Cohen observou que o processo alterou os modelos tradicionais de referência profissional no campo: para além do amadorismo e do trabalho voluntário dos antigos auxiliares de ensino, surgiram novos padrões de trabalho, ritmos de pesquisa, tipos de especialização, em paralelo à proliferação de institutos de pós-graduação, congressos, conferências, associações científicas e técnicas, exposições, museus, galerias de

⁵ A reconstrução das matrizes intelectuais do debate operativo na Itália aparece no artigo de Maristela Casciato sobre o ensino de história da arquitetura nas universidades italianas. Cf. Casciato. *The Italian Mosaic: the architect as historian*. *Journal of the Society of Architectural Historians*. v. 62, n.1, mar. 2003, pp. 92-101.

⁶ Cf. Vidler. *Op. cit.*, cap. 4.

⁷ Cf. Andrew Leach. *Criticality and Operativity*. In Jane Rendell et alii. *Critical Architecture*. London, Routledge, 2008

arquitetura, revistas e publicações de padrão mais acadêmico. Com eles, apareciam também novos modos de recrutamento, promoção, reconhecimento e satisfação, a história passando cada vez a se impor como alternativa entre outras à saturação ou empobrecimento do meio profissional, às confusões ideológicas e políticas que acometiam o projeto.⁸

Em toda parte, da Alemanha a África do Sul, da Grã-Bretanha a Itália, da Austrália a Espanha⁹, uma das questões mais debatidas nos últimos anos e justamente o isolamento entre história e projeto no ensino de arquitetura. Ignasi Solà-Morales foi um dos que alertou para os efeitos colaterais da profissionalização da história. Se os benefícios da especialização são inquestionáveis, novos riscos se somaram com o seu desenvolvimento: não apenas de distanciamento, mas de estranhamento entre o poder revelador e sado-masoquista de críticos bem instalados em departamentos acadêmicos e o ânimo pragmático e temerário de arquitetos equilibrando-se entre a mídia e o mercado. Para ele, se a ação sem perspectiva histórica é mera operacionalização da ideologia estabelecida, “uma prática no interior de um arco tão restrito de alternativas que toda decisão projetual acaba se tornando uma banalidade”, a história, encerrada em círculos acadêmicos e editoriais autônomos, cada vez menos relacionada ao projeto, parece converter-se em uma coleção de produtos mais ou menos sofisticados, inteiramente subordinados ao mercado interno de textos e idéias¹⁰. E se, desde Tafuri, não é mais possível ignorar os prejuízos produzidos pela instrumentalização, a ausência de estímulos lançados de um campo a outro corre o risco de levar ambos à esquizofrenia e à esterilidade.

São riscos como esses que nos levam aqui a interpelar a gênese da história operativa, seja no sentido de apanhar sua especificidade histórica, seja no sentido de contribuir para o entendimento de sua abrangência, recortes e limites metodológicos. Trata-se enfim de repensar esse momento paradigmático a partir das margens de entrosamento entre uma história da arquitetura concebida como história do presente e uma prática arquitetônica preenchida de sentido histórico.

⁸ Jean-Louis Cohen. From an ideological statement to professional history. *Zodiac* 21, 1999.

⁹ Vários dos diagnósticos regionais publicados recentemente no Journal of the Society of Architectural Historians acerca das tradições de ensino de história em diversas escolas de arquitetura do planeta, discutem a questão do isolamento entre história e projeto contemporâneo. Cf. Teaching the History of Architecture: a global inquiry. *The Journal of the Society of Architectural Historians*. vol.; 61, n.3 (set. 2002), n.4 (dez. 2002), vol. 62, n.1 (mar. 2003).

¹⁰ Ignasi de Solà-Morales. Prácticas Teóricas, prácticas históricas, prácticas arquitectónicas. *Inscripciones*, Barcelona, GG, 2003.

Pevsner e Banham: mal-estar e profecia

Em 1960, o professor de historia da arte do Birkbeck College de Londres, Nikolaus Pevsner, publicou na revista do RIBA uma importante resenha da arquitetura produzida entre o final dos anos 1930 e a década de 1950. Nela, o diagnostico já pressentido por críticos, arquitetos e editores mundo afora cristalizava-se em um discurso autorizado: a crise dos CIAMs teria correspondido ao aparecimento de um conjunto de tendências ao revival, novas formas de historicismo, mais sutis que as anteriores, e nao apenas pos-modernas; as dimensoes recalcadas do histórico transmutando-se em versoes as mais variadas, do neo-Art-Nouveau ao neo-vernacular, do neo-Gaudi ao neo-Escola de Amsterdam, e mesmo em neo-modernismos, como o neo-Expressionismo Alemão, o neo-De Stijl que se difundiam na prancheta dessa primeira geração de arquitetos formados no movimento moderno. Retornos paradoxais, pensava Pevsner, tanto mais quanto percebia que boa parte das novas fontes de referencia - do Arts and Crafts ao Liberty, de Perret a Bauhaus - provinham de esforços historiográficos como o seu, sobretudo depois da segunda edição, em 1949, do seu *Pioneers of the Modern Design*, que no contexto do pos-segunda guerra encontrara um solo bem mais fértil do que a principio imaginara.

“Nao deveria eu estar safisfeito com o fato? A verdade e que nao estou, pois o livro tem sido efetivamente compreendido por muitos como um incentivo ao novo historicismo, ainda que seu intuito seja mostrar a criação e o desenvolvimento inicial do novo estilo do século 20; e de modo algum, a mensagem do historiador, nao importa com que estilo ou fase do passado ele esteja lidando, e oferecer algum estilo a ser imitado. Sua mensagem e tão somente apresenta-lo em sua legitimidade.”¹¹

Ao que parece, todavia, a censura final trai a postura do critico, que na seleção e comentário de obras representativas do processo, por mais que destoassem do cânone e das mensagens historiográficas fundamentais de sua geração, e bastante sensível as suas qualidades arquitetônicas. Tudo se passa como se o momento exigisse do historiador uma reavaliação do lugar do passado na arquitetura contemporânea. Interessa aqui observar e o aparecimento de um desconcertante sentimento de culpa nessa primeira geração de historiadores da arquitetura moderna com relação a entrada

¹¹ Nikolaus Pevsner. “Modern architecture and the historian, or the return of historicism”. *Journal of RIBA*, vol. 68 (6), pp. 230-240, abr. 1960.

em cena da história no palco dos procedimentos contemporâneos. O próprio Giedion, que na primeira edição de seu livro convocara os historiadores contemporâneos a um “salto geracional” – a uma posição despreocupada “frente ao passado (...) porque já não temos mais medo de que ele possa nos confundir”¹² – em 1957 insistiria na necessidade de calcar pedagogicamente a categoria “espaço” como forma de encaminhar o exame temporal a uma prática renovadora do arquiteto.¹³ Sentimento de culpa, todavia, que revelava uma passagem nova da história ao projeto, assinalando ora a impossibilidade de uma história destacada do presente – o que transparecia a percepção dos limites do evolucionismo no campo historiográfico – ora um novo papel do historiador, irredutível ao método Beaux-arts ainda que igualmente eficaz, na formação e produção do arquiteto.

Também de 1960 é o livro de Reyner Banham, *Theory and Design in the First Machine Age*. Originalmente uma tese de doutorado orientada por Pevsner, nele Banham questionou a hipótese geral de um corte definitivo com os acadêmicos, salientando a sobrevivência contraditória de regras da estética clássica entre os pioneiros do desenho moderno. Publicado em um momento de reavaliação do movimento moderno, a preocupação com as relações entre arquitetura e tecnologia, ou com a interpretação simbólica da máquina para além do registro puramente racionalista de Giedion, esta na base de sua crítica das mistificações historiográficas acerca do funcionalismo. Banham está convencido de que tanto Pevsner como Giedion teriam fundido as idéias dos arquitetos do movimento em uma visão genérica do funcionalismo, misturando-a ademais com as suas próprias. Onde a necessidade de esfriar suas interpretações teleológicas e examinar a arquitetura moderna de modo desapassionado.

A estrutura polemica do texto, no qual o fracasso do movimento moderno em exprimir a “primeira era da máquina” ocupa o centro de suas análises, propõe pensar a continuidade entre o futurismo italiano e as utopias tecnológicas contemporâneas, na busca de uma expressão arquitetônica para o presente, compatível com uma “segunda era da máquina” que se abria a partir do desenvolvimento da eletrônica e das mudanças na relação entre os indivíduos e as máquinas. Na conclusão, o elogio a Buckminster

¹² Siegfried Giedion. *Space, Time and Architecture*. Cambridge, Harvard University Press, 1941.

¹³ Idem. History and the architect. *Zodiac*, n.1, 1957

Fuller exprime esse desejo de uma arquitetura futura, ainda que ela não viesse a ser estabelecida por uma descrição morfológica definitiva de seu objeto.¹⁴

Uma posição operativa e perceptível na concorrida conferência pronunciada por Banham no *Royal Institute of British Architects*, em Londres, em fevereiro de 1961. Publicada na revista do Instituto em maio daquele ano, o título “the history of the immediate future” assinala uma clara aproximação do crítico com as tendências contemporâneas na arquitetura¹⁵. É importante salientar o papel ali atribuído a história como guia para o futuro. Não tanto como fórmula a ser repetida, “a história está para o futuro assim como os resultados obtidos em um experimento estão para um diagrama gráfico. Você marca em um gráfico aqueles resultados seguros, procura uma linha, uma curva algébrica capaz de conectá-los de modo convincente, projetando-a para além daquele ponto seguro mais avançado a fim de enxergar para onde ela se encaminha”¹⁶. Tratava-se de mapear o curso histórico dos acontecimentos tendo a circunstância presente como mola dedutiva dos desenvolvimentos futuros. E era no presente que a história adquiria relevância. Banham não apenas está consciente do esvaziamento da arquitetura como arte nos negócios contemporâneos da construção – “por alguma razão, o próprio negócio do projeto deixou de ser uma ocupação intelectual interessante ou digna de ser empreendida” – mas também da inflação da história no vácuo teórico da arquitetura no início dos anos 1950, no que a nostalgia ou revival modernista ganhava projeção. O neo-historicismo do movimento moderno – Corbusier, o styling de Detroit, a ficção científica, o neo-futurismo, a engenharia – teria, aliás, sido em grande parte inspirado no trabalho dos historiadores: “Uma geração inteira se nutriu de Pevsner e Giedion. Agora a eles se oferece Wittkower e as delícias do faça você mesmo a história do movimento moderno”.¹⁷ Segundo Banham, a influência da história era compatível com a enorme agitação da disciplina naquele período, tanto maior quando comparada a outras disciplinas vizinhas a arquitetura. As melhores obras do período, todavia, eram justamente aquelas situadas nas fronteiras disciplinares: o edifício da Pirelli em Milão, no limiar entre boa arquitetura e boa publicidade; a reconstrução em Baggio do Instituto Marchiondi, em sua aproximação ao programa psiquiátrico; os hospitais e escolas do neobrutalistas ingleses, de Hunstanton, em suas preocupações com os usos e os

¹⁴ Reyner Banham. *Theory and Design in the First Machine Age*. Londres: Architectural Press, 1960. Sobre a perspectiva histórico-crítica de Banham ver Nigel Whiteley. *Reyner Banham: historian of the Immediate Future*. Cambridge, Mass: MIT Press, 2003.

¹⁵ Reyner Banham. The history of the immediate future. *RIBA Journal*, vol. 68, n.7, mai. 1961, pp. 252-257.

¹⁶ Idem. *Ibidem*, p. 252.

¹⁷ Idem, *ibidem*, p.255.

usuários dos edifícios. Era dessa tendência que se poderia sugerir uma arquitetura do “futuro imediato”:

“Aqueles que, como eu, no início dos anos 1950, por razões polêmicas declararam guerra ao Novo Humanismo em favor da tecnologia, devemos agora nos curvar modestamente ao modo pelo qual as ciências humanas e as teorias que impõem o seu emprego na arquitetura nos fez a todos de tolos. Parece-me bastante claro que as ciências humanas vieram para ficar na arquitetura, e de fato torna-se cada vez mais difícil pensar como a profissão pode passar sem elas. Elas chegaram as escolas, no duplo sentido que se tornaram parte do currículo de toda escola com alguma pretensão progressista, mesmo que a elas não tenha sido dada a posição chave que elas ocupam no currículo de Bartlett, e elas chegaram também a partir do corpo discente, apesar de aqui, em um sentido bem distinto, e no meu entender – bastante estreito, (...) [o dos] estudos da percepção como um substituto para a estética.”

Fosse a partir do diálogo com os estudos psicológicos - da percepção, das sensações de conforto, do indivíduo na interação com o ambiente – e sociológicos – de cidades, bairros, ruas, escolas, salas de aula, famílias - fosse enfrentando os desafios humanos colocados pela Nova Biologia, o prognóstico era claro: ou os arquitetos ingleses e do mundo inteiro se juntavam na aventura intelectual das ciências humanas e transformavam a arquitetura a partir de seus conteúdos não-arquitetônicos, ou a arquitetura fracassaria em dar o salto imaginativo que lhe permitiria novamente se voltar sobre si mesma.¹⁸

Zevi e a centralidade da história no ensino

Interessante a referência de Banham à incorporação das ciências humanas nas reformas pedagógicas do período. A tendência talvez viesse a estimular a criação teórica no âmbito da disciplina, contrabalançando a sobrecarga nostálgica na relação com o modernismo. Atento à arquitetura italiana como centelha de uma nova conduta dos arquitetos, vale frisar a discussão estabelecida com Zevi acerca do projeto para Baggio:

¹⁸ Idem, ibidem, p. 257

*“O conteúdo nao-arquitetonico fez dele [do Instituto Marchiondi Spagliardi] arquitetura, e de todos os críticos estilísticos [Thomas Creighton, Pevsner, J.M Richards] Zevi foi o que mais se aproximou ao chama-lo de Neo-Brutalista. Eu sei o que Zevi queria dizer com isso, e acho que ele errou. Mas acertou ao propor a comparação com o Brutalismo.”*¹⁹

Se acertara no paralelo com os britânicos, afinal entre os diversos padrões com que os arquitetos brutalistas trabalhavam alguns eram eminentemente estéticos, Zevi errara ao reduzir o Neo-Brutalismo a uma caracterização puramente formal. Banham cita a discussão travada no interior do *Institute of Contemporary Arts* de Londres no final dos anos 1950 acerca do Novo Brutalismo. O que o distinguia enquanto tendência era, de um lado, a radicalidade com que, de projeto para projeto, variava os seus padrões, e de outro, a recorrência a parâmetros extra-arquitetônicos. Nem tipicamente Neo-Brutalista, como sugerira Zevi, nem tributário do De Stijl, como propusera Pevsner: o projeto de Vigano descendia diretamente do neo-modernismo a la Terragni.

A discussão de Banham com Zevi ganha ainda mais relevo quando se tem em conta que nos anos 1950 o primeiro representara a polarização tecnológica, da engenharia ao design industrial, enquanto o segundo identificara-se as posições humanizadoras, reabilitando nos campos da historia e do projeto contra o império da razão tecnicista e funcional. Com efeito, desde *Verso un'Architettura Organica*, de 1945, e nas paginas da revista *Metron* por ele criada no mesmo ano, Zevi vinha afirmando uma pauta contemporânea de revisão do projeto historiográfico moderno. Em seu manual *Storia dell'Architettura Moderna*, publicado em 1950, toda a estrutura narrativa canônica seria condensada, alargando-se enormemente o espaço reservado a contribuição de Wright, Mendelsohn, Aalto, Asplund, o expressionismo e o empirismo entre outros episódios ate então marginais. Também o lugar da critica historiográfica ganharia relevo. Segundo Zevi, nenhuma das “*mais notáveis histórias da arquitetura moderna*” – Platz, Pevsner, Behrendt e Giedion - teria conseguido apanhar “*a passagem essencial da arquitetura moderna, de sua fase funcionalista, em sentido eminentemente econômico e mecanicista a um amadurecimento humanizador.*”²⁰

¹⁹ Idem, ibidem, p. 253

²⁰ Bruno Zevi. *Storia dell'architettura moderna*. Turim, Einaudi, 1950, p.13.

Em parte isso se devera ao divórcio entre o artista e o crítico a partir de meados do século XIX²¹. O tema viria a reaparecer no ano seguinte, no ensaio *Architettura e Storiografia*, no qual Zevi destacaria o papel cultural do pensamento histórico e da crítica de arte na formação da cultura projetual, apontando uma confluência entre a pesquisa histórica e a difusão dos historicismos.²²

É importante notar que, formado arquiteto nos Estados Unidos em 1941, a atuação de Zevi no campo profissional concentrara-se desde então na atividade crítica, editorial, literária, curatorial e acadêmica, poucas vezes integrando equipes de projeto de arquitetura ou urbanismo²³. Em 1948, tornara-se professor de história da arquitetura em Veneza, onde fundou em 1960 o *Istituto di Storia dell'Architettura*. Tornando-se cronista de arquitetura em periódicos como *Cronache* e *L'Espresso* a partir de 1954, em 1955 criaria a revista *L'Architettura - Cronache e Storia*, cujo escritório gráfico localizava-se em sua residência em Roma, e onde atuaria ao longo de toda a vida. Foi nessa última revista que o tema da crítica operativa foi claramente formulado. Entre as múltiplas finalidades do periódico, ligadas a apresentação e discussão de projetos, a atualização do debate teórico em nível internacional, a divulgação de pesquisas, a informação profissional e acadêmica, ao intercâmbio institucional e troca entre periódicos, ao longo de suas páginas a questão de uma crítica eficiente ou da utilidade da história em arquitetura começa a despontar de modo mais sistemático nos editoriais da revista a partir do final da década de 1950²⁴. É verdade que desde os anos 1940, o tema do ensino de arquitetura já vinha comparecendo em *Metron* aliada a discussão historiográfica acerca da arquitetura moderna. Mas a partir daí a expansão de uma consciência histórica entre os arquitetos, livre das convenções acadêmicas e das categorias estilísticas, mas também da rejeição da história por parte dos modernos, vinha entusiasmando o crítico italiano. Na década de 1960, todavia, a necessidade de teorizar um princípio operativo de crítica e história parece impregnar a plataforma editorial da revista.²⁵

²¹ Idem, *ibidem*, cf. cap. 12.

²² Idem. *Architettura e Storiografia*. Milão: Tamburini, 1951.

²³ Cf. Andrea Oppenheimer. *Bruno Zevi, on Modern Architecture*. Nova York, Rizzoli, 1983.

²⁴ Bruno Zevi. La Storia dell'Architettura per gli architetti moderni. *L'Architettura - Cronache e Storia*, vol. 23, n. 9, set. 1957.

²⁵ *L'Architettura*. Editoriais breves: esiste una critica architettonica efficiente? *L'Architettura - Cronache e Storia*, vol. 61, n.7, nov. 1960, p.437; Idem. Henry A. Millon. History of architecture: how useful? *L'Architettura - Cronache e Storia*, vol. 66, n.12, abr. 1961, p. 794 [traduzido do *Journal of the American Institute of Architects*, dec. 1960]; Bruno Zevi. La Storia dell'architettura: serve a formaria architetti? *L'Architettura - Cronache e Storia*, vol. 66, n.12, abr. 1961, p. 795.

Em debate com o professor de historia da arquitetura do MIT Henry Millon, que lhe contestara a hipótese da historia como espinha dorsal do ensino de arquitetura, Zevi afirmaria claramente as suas razoes. “Era tempo de mitos e idéias abstratas na educação e na cultura darem lugar a um método”. O risco com que se preocupava Millon, de enrijecimento da escola a partir da promoção de um método histórico nao existiria se a historia fosse ensinada nao tanto como um “acumulo de noções pretensamente ‘objetivas’, mas como lugar em que diferentes personalidades, tendências e interpretações se encontram ou entram em conflito.”²⁶ Afinado com os princípios anti-positivistas e anti-evolucionistas da historiografia contemporânea, o autor questionava a possibilidade de uma idéia unitária – mesmo a ideia bauhausiana de superação da antinomia entre tecnica industrial e artesanato – dar conta de um método didático compreensivo. Zevi questionava a reticência do professor norte-americano em aplicar os valores pragmáticos também no campo da historia, propondo uma estratégia de reforma pedagógica:

“E correto afirmar que o ensino historicizado nao resolve automaticamente todos os problemas a ele inerentes. No entanto ele coloca a discussão em um plano novo, no qual se pode falar uma língua comum. Trata-se do inicio de uma lenta obra de reforma destinada a eliminar da escola a arbitrariedade e a incompetência. A batalha se desenvolve em dois tempos: a) conquistar para a tese da historicizacao, por hora refutada pela quase totalidade dos docentes das disciplinas matemáticas e tecnológicas, o maior numero de indivíduos envolvidos ou preocupados com a questão do ensino; b) uma vez prevalecendo essa tese, pó-la em aplicação renovando estrutura, métodos e costumes de ensino.”²⁷

A historicizacao do ensino era evidentemente inseparável da reavaliação dos cânones historiográficos. Era preciso reavaliar o lugar atribuído aos mestres do movimento moderno²⁸, eliminar do horizonte interpretativo a falácia dos estilos, reestabelecendo a historia da arquitetura em um plano internacional sem recair no evolucionismo, mas

²⁶ Bruno Zevi. La Storia dell'architettura: serve a formaria architetti? *L'Architettura – Cronache e Storia*, vol. 66, n.12, abr. 1961, p. 795

²⁷ Idem, ibidem.

²⁸ Para o que as sucessivas homenagens acriticas nas decadas de 1950 e 60 em nada contribuiam. Cf. *L'Architettura*. Editoriales breves: La Columbia University a New York onora I 'quattro grandi". *L'Architettura – Cronache e Storia*, vol. 66, n.12, abr. 1961, p. 797.

ativando de modo sincrônico, “período por período, o desenvolvimento dos vários centros culturais”²⁹.

A discussão ganharia fôlego em 1963, quando Zevi ingressa no corpo docente da Faculdade de Arquitetura de Roma. Nas páginas da revista, o lugar da história no ensino de arquitetura surge de modo mais articulado. Durante a gestão do presidente da Faculdade, Plínio Marconi, Zevi havia sido nomeado professor de História no ano acadêmico de 1963-64, ao lado de Ludovico Quaroni para a cátedra de Urbanística e Luigi Piccinato para a de Composição. O momento era particularmente tenso na escola. Na primavera de 1963 a sede de Valle Giulia havia sido ocupada por 40 dias pelos estudantes, ocasião em que o movimento divulgara um documento em que afirmava a vontade de renovação da escola. No início do ano letivo, uma sessão especial do Conselho Acadêmico definira a realização de uma convenção entre professores e alunos no intuito de estabelecer uma posição política comum. O programa do evento elegera quatro temas centrais para discussão: 1) a democracia na universidade, o papel dos professores, assistentes e professores na escola, a situação da Faculdade no momento político contemporâneo; 2) o significado e conteúdo da produção cultural, as relações entre cultura e mundo do trabalho; 3) a discussão em torno do biênio propedêutico (coordenada pelos professores Saulle Greco e Bruno Zevi) e do triênio especializado (a cargo dos professores Gaetano Minnuci e Ludovico Quaroni); 4) discussão sobre o diploma e a criação do instituto universitário, envolvendo aí o papel da pesquisa científica (coordenada por Pasquale Carbonara, Luigi Piccinato e Guglielmo de Angelis d’Ossat).³⁰

No início de novembro de 63, na primeira reunião do Conselho da Faculdade em que os novos professores tomaram parte, foi aprovada uma ordem do dia que estabelecia a reunião geral de docentes e professores para o final de novembro, estabelecendo como pontos de pauta preferenciais: as questões de acervo, catalogação e consulta da biblioteca; o tema da pesquisa aplicada e produtiva inerente a cada curso como modo de eliminar gradualmente o controle pela frequência obrigatória; uma postura didática ativa e produtiva como forma de excluir a necessidade de exames finais; o desenvolvimento de sistemas de incorporação de professores externos a escola nas

²⁹ Bruno Zevi. Una coscienza mondiale della storia architettonica. *L’Architettura – Cronache e Storia*, vol. 80, n.2, jun. 1962, p. 75.

³⁰ L’Architettura. Convegno della Facoltà di architettura di Roma. *L’Architettura – Cronache e Storia*, vol. 99, n.9, jan. 1964, p. 713.

atividades de pesquisa e orientação; a criação de sistemas de avaliação dos cursos por parte dos estudantes³¹.

Durante os cinco dias do evento, todas as atividades da Faculdade foram suspensas, as instalações do prédio abrigando as diversas reuniões coletivas. Segundo Zevi, a participação estudantil teria dado o tom das discussões ali travadas, inclusive na eleição dos professores recém-incorporados na Faculdade como seus interlocutores privilegiados. A eliminação da freqüência e dos exames finais, como expedientes burocráticos e de poder, parece ter constituído um consenso, estimulando-se os docentes a suscitarem nos estudantes um empenho continuado de pesquisa, afinal “o objetivo de um curso e ensinar um método de pesquisa e não elaborar um projeto acabado, em sentido profissional”. E era essa a tendência que se observava nas universidades estrangeiras mais avançadas. Ao final de novembro, após avaliar as sugestões extraídas da convenção, o Conselho da Faculdade deliberou pela “verificação da validade das várias propostas no âmbito do curso e a sua coordenação”, convidando para tal “os titulares, assistentes e estudantes a uma ampla experimentação de renovação didática, orientada para uma produção cultural”. Além disso, definiu a realização de uma nova reunião geral de professores e estudantes após passada a fase de experimentação, apoiando a criação de comissões representativas de todas as forças da faculdade para aprofundar os problemas relativos a biblioteca, aos docentes externos, a reestruturação do Instituto Universitário, os métodos de avaliação dos cursos, e de estabelecimento de relações mais orgânicas entre a escola e a sociedade.³²

De Roma a Cranbrook: a crítica operativa

E nesse contexto de reforma pedagógica e institucional que o tema da história operativa se formula. Em dezembro de 1963, Zevi assina um editorial intitulado “O futuro do passado na arquitetura”. Nele, o professor de Roma retoma o comentário de Sibyl Moholy-Nagy publicado no número de abril de 63 de *Charette*, no qual a historiadora da arquitetura do *Pratt Institute* do Brooklyn, viúva de Laszlo Moholy-Nagy, assinala o lugar

³¹ Bruno Zevi. La democrazia penetra nella Facoltà di Architettura a Roma. *L'Architettura – Cronache e Storia*, vol. 100, n.10, fev. 1964, p. 722-3.

³² Idem. *Ibidem*.

patético atribuído a história na Bauhaus. Segundo Zevi, “a longa dieta” teria provocado uma reação imprevista nos anos recentes:

“saturados de tecnologia e de objetivismo funcional, os arquitetos de novo retornaram a tradição, observaram as preexistências ambientais, basearam seus edifícios em protótipos antigos, mas com superficialidade alarmante; foi aí que nasceu a confusão atual, que mescla neo-liberty, edilícia considerada espontânea, tentativas epidérmicas de acomodação ao ambiente e outros revivals pessimamente modernizados. E esse o preço que a geração intermediária paga por haver abraçado a ideologia anti-histórica dos mestres sem discuti-la, assim como por tê-la recusado de uma hora para outra sem qualquer elaboração.”

Não se tratava de outra vez eliminar a história da prancheta, mas de superar a maneira cômoda, eminentemente empírica, com que os arquitetos contemporâneos, mesmo os mais habilidosos reconectavam-se a tradição.

*“a historicização da cultura arquitetônica está na ordem do dia no mundo. Na Inglaterra, por exemplo, Nikolaus Pevsner apresentou no RIBA um texto sobre o tema do ‘Modern architecture and the historian’ e Reyner Banham a abordou com um discurso sobre ‘The history of the immediate future’; no qual se seguiu um longo debate na sede da Architectural Association. Todavia, se a exigência é clara, os instrumentos para satisfazê-la são confusos. É evidente que o método histórico deve acima de tudo informar todo o ensino da arquitetura; mas um acordo sobre como se deve impor a específica disciplina histórica nas faculdades de arquitetura está longe de ser estabelecido”.*³³

Atuando diretamente no campo do ensino, a crítica operativa deveria justamente dar sentido e orientação a esses retornos ao passado em nome do futuro. Mas o que seria exatamente essa crítica operativa. O tema ganharia melhor formulação em uma comunicação apresentada por Zevi no Seminário “*The History, Theory and Criticism of Architecture*” realizado em 1964 pelo *American Institute of Architects* e a *Association of Collegiate Schools of Architecture* dos Estados Unidos. Realizado na Cranbrook Academy of Art, de Michigan, o evento constituía o oitavo de uma série de reuniões

³³ Bruno Zevi. Il futuro del passato in architettura. *L'Architettura – Cronache e Storia*, vol. 98, n.8, dez. 1963, p. 578-9.

dedicadas ao ensino e a prática de arquitetura, promovidas pelo AIA e a ACSA desde 1956. Na declaração oficial das expectativas quanto ao evento, o professor de história da arquitetura, membro da comissão científica, Buford L. Pickens informa:

*“A despeito da crescente atenção que diretores de escolas e muitos arquitetos progressistas tem dado a história com uma matéria cultural, ha ainda pouca evidencia de que qualquer uma das escolas ou a profissão compreendam ou façam uso de modo criativo do estudo da história da arquitetura em seus próprios contextos temporais. Muitos são ainda os que vêem no estudo da história algo suspeito como uma obsessão negativa e nao como um forca positiva na determinação do curso presente e futuro tanto da educação como da arquitetura. A identificação freqüente e gratuita da história com o ecletismo revela um ponto de vista que já deveria ter se tornado obsoleto entre os arquitetos; ela desconsidera os novos métodos e interpretações dos exemplos históricos, que por muito tempo foram fundamentais para o trabalhos do lideres de vanguarda. Os textos reunidos nesse volume defendem o valor de distintas abordagens, mas a necessidade de pesquisa esta implícita em todos eles”.*³⁴

Tratava-se claramente de pesquisar as relações dinâmicas entre a teoria e a crítica da arquitetura e o seu passado de modo a transtornar os preconceitos e costumes pedagógicos norte-americanos. Entre os cerca de 50 participantes do evento, estavam Peter Collins, da McGill University, Sergei Chermayeff, de Yale, Sybil Moholy-Nagy, de Pratt, Stephen Jacobs, de Cornell, Stanford Anderson, do MIT, Reyner Banham, da Architectural Review, e Bruno Zevi, de Roma, cada qual responsável pela apresentação de textos relativos ao tema. Em meio a crise de paradigmas e a banalização historicista do passado, as questões de método se impunham. Segundo Peter Collins, o objetivo do encontro de Cranbrook era examinar os problemas da história da arquitetura como disciplina acadêmica e profissional, avaliando as relações entre teoria e história, a influência da história sobre a crítica e da crítica sobre o projeto, em suma, mapeando o lugar pedagógico da disciplina. Nesse sentido, algumas questões surgiam como prioritárias. Em primeiro lugar, uma questão de legitimidade: era válido ensinar história da arquitetura em um curso de arquitetura? Não era ela uma área de conhecimentos a

³⁴ Buford L. Pickens. Foreword. In Marcus Whiffen (ed.) *The History, Theory and Criticism of Architecture: papers from the AIA-ACSA Teacher Seminar*. Cambridge, Mass: The MIT Press, 1965

posteriori, sem qualquer influência sobre o que se construía no presente? Não era disciplina ociosa e decorativa, e mesmo sujeita a reforçar os historicismos e revivals pós-modernos já em voga? Em segundo lugar, uma questão de autoridade: se o estudo da história da arquitetura tinha mesmo algum papel positivo a cumprir na constituição de uma teoria do projeto, não era importante que os professores de história para estudantes de arquitetura fossem arquitetos? Por último, uma questão de especificidade disciplinar: como ela se relacionava com o ensino de história das outras artes e técnicas? não passaria ela apenas de um de seus ramos? Como trabalhar com a periodização? Cronologicamente ou o contrário? Onde começar? Onde terminar?³⁵

A abrangência das questões ali propostas indica o grau de crise em que a história estava mergulhada naquele momento. Um outro participante do seminário, Sibyl Moholy-Nagy, que situara as fontes históricas de quatro arquitetos americanos da geração intermediária, Eero Saarinen, Philip Johnson, Paul Rudolph e Louis Kahn, alertava para o estado de paralisia do ensino de história nas faculdades de arquitetura desde a geração anterior. Era necessário – pensava ela – indagar sobre as razões desse “eclipse”: teria sido ele causado pelo modo tradicional de ensinar história como descrição de seqüências cronológicas, pelo método iconográfico dos historiadores do momento, então percebidos como ociosos? Ou pela ausência de um método de ensino que pudesse ser apropriado pelos arquitetos práticos? O diagnóstico era claro: história e projeto haviam se divorciado inteiramente. A repetição usual das mesmas caixas modernistas, dos mesmos ambientes informes e em série, que não pareciam pertencer a tempo algum, de um lado; a reanimação do historicismo, de outro, eram o correlato de um ensino de história inteiramente defasado das exigências do presente.³⁶

A resposta mais otimista à situação seria oferecida por Bruno Zevi, figura central na reforma de ensino recém-instituída em Roma, que segundo ele teria como grande novidade didática a introdução do ensino de “arquitetura pelo método histórico-crítico”. Mas do que se tratava exatamente essa alternativa? Segundo Zevi, ela romperia com as tradições pedagógicas anteriores. Em primeiro lugar, com o método do ateliê, análogo ao da *bottega* renascentista e do escritório contemporâneo, no qual alguma personalidade docente dominava. Tratava-se de um método de elite, incompatível com o ensino de massa e público, sem contar que seguir um mestre jamais oferecera

³⁵ Peter Collins. The interrelated roles of history, theory and criticism in the processo of architectural design. In Whiffen. Op. cit, pp. 1-10.

³⁶ Sybil Moholy-Nagy. The canon of architectural history. In Whiffen, op. cit., pp. 37-46.

garantias de acesso a seu processo projetual, mas tornara-se cada vez mais improvável tal a extinção dos verdadeiros mestres no presente. Em segundo lugar, rompia com o método acadêmico, estático e dogmático, típico da pedagogia *Beaux-arts*, no qual o ensino de projeto resumia-se ao ensino de estilos e regras de composição, a história e a tradição adquirindo uma dimensão extraordinária no campo da prática ao submeter a criação aos exemplos do passado. Por último, deveria romper também com o método da Bauhaus, no qual predominavam os exercícios práticos em detrimento das aulas teóricas, o ateliê redefinindo-se pela reaproximação entre professores criativos e artesãos habilidosos. Do ensino, a história da arquitetura seria inteiramente banida no receio de contaminação pelo conservadorismo dos historiadores do período.

Para Zevi, o abandono da história pela pedagogia moderna da arquitetura teria legado o arbítrio do passado aos reacionários; a história, sem qualquer efeito sobre a prancheta, e o projeto, sem qualquer perspectiva histórica, haviam cedido espaço ao ecletismo historicista. Era contra essa situação que o projeto para Roma se esboçava como uma Bauhaus finalmente reconciliada com a história.³⁷ Tratava-se de repropor o ensino da história da arquitetura como uma atividade prática, uma vez redefinida também a didática de projeto. Partia-se do pressuposto de que o projeto, para além de coisa puramente intuitiva, irracional, não ensinável, era um ato consciente, processo controlado de expressão e crítica. Como tal, era possível investir na ideia de um ensino organicamente equilibrado entre passado, presente e o futuro.

Na apresentação do seminário em *L'Architettura*, Zevi acentuou as dimensões didáticas de sua proposta, que respondiam a todo um conjunto de transformações no conceito e nas metodologias da história. Tratava-se de estimular a criatividade projetual a partir do ensino da história, vista como parte integrante, inevitável de toda projeção. E no “laboratório historicizado da projeção” não eram as obras enquanto tais que interessavam. Por meio de análises gráficas e tridimensionais, a crítica caberia propor hipóteses formais, idéias produtoras de forma.

“Faz-se agora possível uma integração entre história e projeto porque a historiografia arquitetônica se renovou, libertando-se dos “princípios universalmente válidos da composição”, dos “estilos”, dos critérios

³⁷ Bruno Zevi. History as a method of teaching architecture. In Whiffen, op. cit., pp. 11-22.

estáticos de avaliação. A visão moderna influencia não somente os produtores, mas também os interpretes da arquitetura. A história está mudando rapidamente: o Partenon se torna um monumento distinto se se o examina do ponto de vista moderno ao invés da perspectiva acadêmica. E o que é mais importante, a história mudou a sua angulação com respeito ao passado e ao presente: antes do que no juízo de valor sobre o produto, empenhou-se na reconstrução do processo genético, na formação dinâmica do edifício. O trabalho dos historiadores não consiste mais em emitir uma sentença, mas de participar do processo criativo desde o seu interior, e nesse sentido não se interessa apenas nos grandes monumentos, mas de todos os aspectos da vida humana sobre o território, por mais modestos que sejam. Em outras palavras, a história se tornou uma operação e pode como tal fundir-se com a operação do projetar.”³⁸

³⁸ Bruno Zevi. Editoriale: Il Seminario di Cranbrook sull'insegnamento architettonico. *L'Architettura – Cronache e Storia*, vol. 107, n.5, set. 1964, pp. 290-1.